

**Cultura Popular e Africanidade: a Festa da Santa  
Cruz no Quilombo do Cafundó, em Salto de  
Pirapora/SP**

**Popular Culture and African Heritage: The Feast of  
the Holy Cross in the Quilombo do Cafundó, in Salto  
de Pirapora/SP**

**Cultura popular y herencia africana: La Fiesta de la  
Santa Cruz en el Quilombo do Cafundó, en Salto de  
Pirapora/SP**

*Rafael Alves Sobrinho Filho<sup>1</sup>*

Submetido em: 18/02/2025  
Aceito em: 20/06/2025

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestrandão em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Correio eletrônico: rafaelalves\_2006@yahoo.com.br.

Este ensaio tem como objetivo apresentar, por meio de registros fotográficos, algumas das atividades realizadas anualmente durante a Festa da Santa Cruz, que ocorre no último sábado de maio, no **Quilombo do Cafundó**<sup>2</sup>, situado na cidade de Salto de Pirapora, interior de São Paulo.

Os quilombos fazem parte da história nacional e são grandes representantes das africanidades em seus territórios. Segundo Nascimento (2021, p. 4-5), o nome quilombo é dado “às comunidades formadas por remanescentes de fugitivos da escravidão no Brasil. Espalhados por todo o território brasileiro, os quilombos fazem parte da nossa história, mantendo viva a cultura afro-brasileira”. Demonstrando a força que os povos negros criam ao se “aquilombar” (ou seja, se unir) e a necessidade da preocupação com as gerações futuras, Theodoro (2022, p. 7) afirma: “precisamos nos aquilombar e fazer junto com os mais jovens uma atuação que nos leve a ter direitos de cidadania e ao cumprimento dos itens da Constituição de 1988”.

Os quilombos procuram manter as raízes originárias da África, valorizando, por exemplo, o respeito à ancestralidade (aqueles que vieram a essas terras antes dos que vivem nelas atualmente). Ancestralidade essa “que tanto sofreu, que viajou pelo Atlântico, [...] formando quilombos, além de meios e modos de manter suas vidas e histórias. Assim sendo, nada mais natural do que aprender com a lição de ontem, aperfeiçoando hoje, forjando um belo amanhã” (Theodoro, 2022, p. 5).

O Quilombo do Cafundó, hoje instalado na região metropolitana de Sorocaba/SP, é um dos mais antigos quilombos ativos no Brasil. Ele “existe desde 1888, quando o casal Joaquim e Ricarda Congo recebeu a alforria e herdou as terras do ‘senhor’. Hoje o território possui 218 hectares, onde vivem 120 quilombolas”, (Regina, 2023, n. p.). Segundo Martins (2021, p. 5), “o quilombo é reconhecido pela Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) há 22 anos. Segundo o Itesp, o Estado tem, atualmente, 36 comunidades quilombolas”.

De acordo com Silva (2012, p. 136), “a formação do território do Cafundó resulta das junções familiares dos negros e negras do Quilombo Caxambu — que se situava do outro lado

---

<sup>2</sup> Termos e expressões em negrito são grifos do autor.

do rio Sarapuí — com os negros (as) do Quilombo Cafundó”, por meio de casamentos entre pessoas de ambos os quilombos. O quilombo, assim como muitos outros, enfrentou, por décadas, perseguições e ameaças de latifundiários, relacionadas aos processos de grilagem de terras.

Os moradores deste quilombo guardam e disseminam a tradição africana por meio de um dialeto: a **cupópia**, “uma língua africana, derivada do banto, principalmente do quimbundo” (Silva, 2012, p. 137). Sobre esse dialeto, a Revista Terra (2006 *apud* Silva 2012, p. 137) relata que o “nome que se dá à mistura de três dialetos angolanos: o kikongo (falado no norte de Angola), o kimbundo (do centro do país) e o umbundo (do sul), um dialeto que resiste ao tempo apenas por meio da fala”.

Dentre os fatos mais recentes ocorridos no quilombo, pode-se destacar que o ano de 2022 ficou marcado pela participação inédita do quilombo do censo demográfico nacional. Em 2023, o quilombo recebeu a visita do rei de Angola, Tchongolola Tchongonga Ekuikui 6º, que esteve no Brasil pela primeira vez. Já em 2024, o nome do quilombo e a cupópia alcançaram patamares ainda maiores na esfera musical, com o lançamento do álbum **Cupópia – A fala Ancestral**. Com 10 faixas, a obra pode ser acessada no *YouTube* ou *Spotify*.

A festa da Santa Cruz ocorre há mais de 150 anos. Através dela os quilombolas agradecem as bênçãos alcançadas durante o ano e homenageiam os santos protetores do quilombo: Nossa Senhora Aparecida, São Benedito e a própria figura da Santa Cruz. A comemoração começa às 11h do sábado e vai até às 6h da manhã de domingo. Durante as festividades, abertas a toda a população, ocorrem procissões, reza de terço, troca do mastro que carrega a bandeira da Santa Cruz, intervenções culturais de samba, jongo, capoeira, umbigada, além de barracas de comidas e bebidas, a tradicional feijoada, apresentações de quilombolas em volta da fogueira com tambores e cantos no dialeto cupópia e um bailão.

Trazer um ensaio sobre o Quilombo do Cafundó e a Festa da Santa Cruz se faz relevante como contribuição para uma valorização e divulgação da cultura afro-caipira-brasileira do interior de São Paulo. O objetivo também é reforçar a importância e evolução dos quilombos, no intuito de desmitificar concepções simplistas sobre essas comunidades, que ainda permeiam o senso comum. Ao contrário do que se ainda propaga sobre os

quilombos, com o passar dos tempos, eles passaram “a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passaram a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural”, sendo um “instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional” (Nascimento, 2021, p. 166-167).

**Foto 01: Visão da entrada do Quilombo do Cafundó (Salto de Pirapora/SP) durante a procissão de Ogum, que dá início às atividades da Festa de Santa Cruz, realizada todo mês de maio.**



**Autoria:** Rafael Filho

**Foto 02: Durante a Procissão de Ogum, os visitantes e moradores do quilombo carregam espadas de Ogum, fazem orações e cantam canções afro-brasileiras ao som de atabaques, que, geralmente, de cima de uma caminhonete ou trator, guiam o grupo.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 03: Ao final da procissão, as pessoas formam uma espécie de túnel com as espadas, no qual cada um que passa recebe as bênçãos do orixá. Todos os participantes passam por esse túnel, independentemente de estarem portando uma espada ou não.**



**Autoria: Rafael Filho**

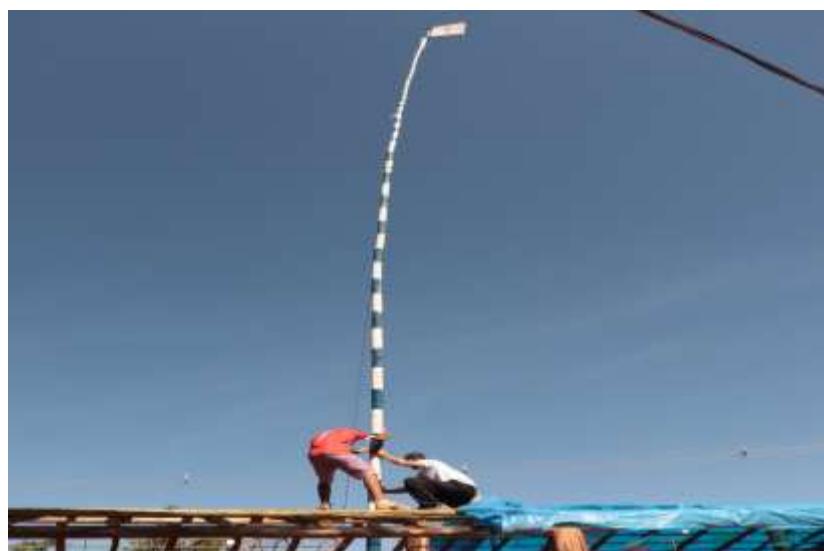
Cultura Popular e Africanidade: a Festa da Santa Cruz no Quilombo do Cafundó, em Salto de Pirapora/SP

**Foto 04: Dona Regina Pereira, uma das lideranças mais antigas do Quilombo do Cafundó, carregando em suas mãos a imagem de Ogum, padroeiro da procissão.**



**Autoria:** Rafael Filho

**Foto 05: Após a procissão, dezenas de homens, devido ao grande peso, se reúnem para a troca do mastro de bambu, que carrega a bandeira da Santa Cruz em sua ponta. Essa tradição ocorre desde a primeira festa, há mais de 150 anos. A cada ano, o mastro é aumentado em alguns centímetros.**



**Autoria:** Rafael Filho

**Foto 06: A Santa Cruz está erguida na terra do quilombo, em frente à capela de São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Ao seu lado, está enterrada a base do mastro.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 07: Procissão de São Benedito. Ao escurecer, os homens partem para um lado do quilombo, carregando a imagem do santo, enquanto as mulheres seguem para o outro, carregando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A caminhada ocorre por ruas de terras, iluminadas apenas por velas, em direção à casa da pessoa mais velha do quilombo.**



**Autoria: Rafael Filho**

Cultura Popular e Africanidade: a Festa da Santa Cruz no Quilombo do Cafundó, em Salto de Pirapora/SP

**Foto 08: Cíntia Delgado (à esq.) e sua filha Gabriela (à dir.) carregam o andor à frente da Procissão de Nossa Senhora Aparecida. Cíntia é uma das lideranças mais jovens dos quilombos, e a presença de sua filha é um sinal da transmissão e manutenção da tradição.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 09: Ancestralidade e continuidade. Seu Juvenil (à esq.) é também é um dos líderes mais antigos do quilombo. Ao vê-lo saindo da casa mais antiga do local, puxando a procissão para a volta à capela e sendo seguido por diversas crianças, é possível acreditar que a tradição quilombola continuará no futuro.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 10: Mulheres durante a procissão de Nossa Senhora Aparecida. Todas as pessoas que participam recebem uma vela, que é envolta por um copo de isopor para manter a chama durante o trajeto.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 11: As mulheres aguardando a chegada da Procissão de São Benedito para, juntas dos homens, retornarem em direção à capela. Geralmente, no encontro, os homens são recebidos com a canção Romaria, de Renato Teixeira, formando uma cena inesquecível e de grande comoção entre os participantes.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 12: Ao final das procissões, as velas são depositadas em volta da Santa Cruz.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 13: Na sequência, é realizado um terço que encerra os atos religiosos do dia. Em seguida, continuam as atividades culturais e a festa, que se estende até a madrugada.**



**Autoria: Rafael Filho**

**Foto 14: São Benedito e Nossa Senhora Aparecida são devolvidos para dentro da Capela após a procissão. João Mário Machado (de costas) é tocador em um samba de bumbo no bairro de Cururuquara, na cidade de Santana do Parnaíba (SP). Durante a visita, ele observou diversas semelhanças entre a festa realizada por sua comunidade e a do Quilombo do Cafundó.**



**Autoria:** Rafael Filho

**Foto 15: Antônio Junior (ao centro) e sua esposa, Cintia Delgado, fazendo suas orações aos pés da Santa Cruz. Eles estão à frente da liderança mais jovem do quilombo e coordenam todas as ações no dia da festa, além de outras atividades que ocorrem durante todo ano.**



**Autoria:** Rafael Filho

**Cultura Popular e Africanidade: a Festa da Santa Cruz no Quilombo do Cafundó, em Salto de Pirapora/SP**

## Referências

MARTINS, Ana Cláudia. **Proteção é levada para 60 moradores da Comunidade Quilombola Cafundó**. Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, ano 118, n. 35671, 05 fev. 2021, Cidades, Caderno A, p. 5.

NASCIMENTO, Beatriz; RATTI, Alex (org). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Jéssica. **Cafundó**: onde se vive e se pratica a consciência negra. Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, ano 118, n. 35919, 20 nov. 2021, Suplemento Cruzeirinho, p. 4-5.

REGINA, Taís. **A história de resistência do Quilombo Cafundó**. Portal Outras Palavras, 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/a-historia-de-resistencia-do-quilombo-cafundó/#:~:text=Outra%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20que%20permeia%20o,conquistas%20cultivadas%20durante%20o%20ano>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SILVA, Lucas Bento. A Dinâmica da Construção da Identidade e do Território no Quilombo Cafundó. **Revista GeoNordeste**, n. 2. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Ano XXIII. 2012.

THEODORO, Helena. **Revista Raça Brasil**. Edição 240. Pestana Arte & Publicações. São Paulo, 2022.